Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

AÇÕES CORAJOSAS NO PARÁ

Prossegue a resistência armada no sul do Pará. Há mais de quatro meses as tropas da ditadura, utilisando fartos recursos, procura esmagar os grupos armados que se organizaram depois do covarde ataque efetuado pela reação aos moradores dos municípios de São João e de Conceição do Araguaia. Não conseguiram, porém, alcançar seus objetivos. A ação corajosa dos combatentes da selva leva o pânico às fileiras do govêrno e as obrigam, em certos pontos, a bater em retirada.

É grande a repercussão produzida pela luta armada entre a população local. O povo acompanha com vivo interesse os acontecimentos que se desenrolam na região e expressa, por diferentes formas, sua solidaridade aos que resistem às forças federais. Os militares pressionam os moradores para conseguir guias experimentados que os conduzam ao coração da mata. No entanto, não é fácil encomtrar quem aceite essa perigosa tarefa. Os"mateiros" são amigos dos que empunham armas contra a reação ou temem arriscar inutilmente a vida. O feito heróico dos guerrilheiros é exaltado pelos lavradores e pelas massas pobres das áreas circunvizinhas.

Em face da simpatia manifestada pela população aos combatentes do Pará, a ditadu manobra. A chamada Ação Cívico-Social (Aciso) do Exército organizou um programa de assistência médico-dentária aos habitantes de Marabá, S.João do Araguaia e São Domingos do Capim. Segundo se anuncia, uma equipe sob o comando do general Darci Matos, atuará na distribuição de medicamentos. A finalidade desta manobra é atrair a simpatia popular e tentar isolar os guerrilheiros.

Mas o povo não é ingênuo. Sabe que o governo nunca se interessou pela saúde dos moradores da região. Se agora traz remédios, médicos e enfermeiros para atender os pobres, isto se deve, antes e acima de tudo, ao surgimento da luta armada. Ao socorrer enfermos, o Exército o faz tão-somente por medo de que a ação armada se propague e ganhe mais adeptos. Por isso, os lavradores agradecem o benefício recebido não ao Exérsito mas aos guerrilheiros. "Obrigado, Mineirão (Apelido de um dos chefes guerrilheiros). É graças a vocês (referia-se aos grupos armados) que estou tendo tratamento médico" - assim dizia há pouco antigo morador do Araguaia, quando saía de um posto de assistência.

A par da demagogia, a ditadura intensifica a repressão e toma novas medidas arbitrárias. Recentemente, o Ministro da Justiça reuniu-se com os Secretários de Segurança Pública - Todos oficiais do Exército - dos diferentes Estados. Nessa reunião, decidiu criar uma Comissão constituida pelos Secretários do Pará, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso e

(Continua na 2a. página)

Neste Número:

Nº 67 Agosto de 1972 Ano IX

Ações Corajosas no Pará (continuação da 1ª página)

Acre para "elaborar um plano visando a estabelecer um cinturão de segurança em torno da Amazônia legal, tendo em vista o fluxo de brasileiros e estrangeiros para o eixo da Transamazônia". Tal medida significa colocar sob controle policial todos os que demandam àquela região. Menos, evidentemente, os trustes estrangeiros que estão se apossando de vastas glebas e das riquezas amazônicas.

Aplicando a política do "cinturão de segurança", a ditadura terá que renunciar ao seu demagógico plano de integração nacional que tinha por centro a colonização da Amazônia. Pois é impossível povoar esse imenso território, obrigando os que para lá se dirigem a identificar-se e a apresentar folha corrida da polícia.

A decisão do sr. Buzaid é, porem, inconsistente. Só um louco pode pensar em cercar com "cinturões de segurança" a imensurável Amazônia. A medida mostra, no entanto, o quanto a ditadura está preocupada com a possibilidade de que esta enorme área se transforme em bastião da luta popular. Teme que o exemplo do Araguaia encontre seguidores, o que de certo modo é inevitável. Os pobres da Amazônia têm, na resistência armada surgida em abril, um modelo vivo de como lutar contra a miséria, os abusos, as injustiças e o abandono de que são vítimas. Criando grupos guerrilheiros podem combater com vantagem, assestar duros golpes ao regime reacionário que impera no país e conquistar uma nova vida. Assim, estarão lutando também em defesa da Amazônia cada vez mais ameaçada pela penetração imperialista.

Tudo isto indica que a ação armada do sul paraense joga importante papel na presente situação. E jogará papel ainda mais importante quando ampliar suas forças e adquirir maior influência entre o povo. A ditadura não conseguirá pela demagogia nem pela violência impedir que cresçam as lutas populares e que se consolide a resistência iniciada pelos moradores do Araguaia.

O CULTO DA ASNEIRA

O general Humberto Sousa Mello, comandante do II Exército e membro do Alto Comando do Exército, gosta de fazer discursos. Num destes discursos, há tempos, disse que é preciso vigiar a subversão sem descanso, acompanhando suas variadas atividades e obtendo informações na sucessividade dos segundos, com o que ajudou a enriquecer a língua pátria. Recentemente fez outro discurso, para alunos do MOBRAL, do qual os jornais transcreveram, entre outros, esse trecho altamente esclarecedor:

"Assim, resistireis aos desvios do materialismo econômico que levam ao sistema do socialismo progressista(!) de fundo marxista, propagador de ideologias baldas de essência em que se edifique, conduzam diretamente ao comunismo internacional, que despreza e oprime a pessoa humana, para dar a vossa cooperação ao progresso integrado sócio-econômico da política desenvolvimentista do governo da Revolução".

A julgar pelas suas estreitas relações com alguns grandes capitalistas e empresas estrangeiras de S. Paulo, parece que há um tipo de "materialismo econômico" ao qual o general não resiste. Mas o impressionante nesse trecho, afora a grossa camada de lugares-comuns reacinários e de asneiras, são as agressões à gramática. Não contente em mandar torturar os presos políticos, o general também tortura a sintaxe. E essa expressão concentrada de burrice, ignorância e fatuidade é um dos figurões do regime, um dos que decidem dos destinos do país! Poderia, no máximo, ser o orador da turma do MOBRAL que se formava, assim mesmo escolhido por gozação dos colegas.

Ouça, e aconselhe os amigos a ouvir, diariamente, em português:

Rádio Tirana - Emissões de 1 hora de duração:
- Às 20:00 e 22:00 hs. Ondas curtas de 31 e 42m

Emissões de meia hora de duração:
- Às 4:00 e 18:30 hs. - Ondas curtas de 31 e 49m
- ÀS 7:00 hs. - Ondas curtas de 25 e 31m

Rádio Pequim - Emissões de 1 hora de duração:
- Às 19:00 hs. Ondas curtas de 25, 30,41 e 48m
- Às 21:00 hs. Ondas curtas de 19, 30 e 32m

CRESCE OPOSIÇÃO À DITADURA

Comentário Nacional

Contrapondo-se à fala de Garrastazú Médici na inauguração do Palácio da Justiça, que visava a impedir qualquer debate sôbre os problemas políticos candentes do país, multiplicam-se as manifestações de descontentamento com o sistema vigente e de condenação às tentativas de eternizá-lo. Vai-se estendendo a toda a nação o sentimento de que é preciso por um fim à atual ditadura militar.

No seio do povo, cresce o ódio ao regime de fome, carestia, falta de liberdade, violências indiscriminadas contra os cidadãos, torturas e assasinatos de presos, entreguismo aberto das riquezas nacionais e de favoritismo aos apaniguados. Apesar da repressão, sucedem-se as ações estudantís de protesto contra as prisões de colegas e de repulsa à implantação de uma reforma do ensino ultra-reacionária. É cada vez maior a inquietação entre a classe operária devido aos baixos salários e ao desemprêgo, surgindo sinais animadores de resistência às arbitrariedades patronais e policiais. Os camponêses elevam o nível de suas lutas pela terra, opõem-se à ação dos grileiros e ao banditismo da reação. No sul do Pará, às margens do Araguaia, ergue-se pela primeira vez no interior do Brasil, um movimento de resistência armada de lavradores e patriótas aos desmasdos dos generais fascistas.

Não cessam as denuncias da Igreja Católica sôbre as torturas e as condições desumanas existentes nos presídios políticos. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no encontro de Brodosqui, em São Paulo, reclamou com veemência os direitos democráticos. Dom Fragoso, bispo de Crateús, em declarações divulgadas no país e no exterior, verberou a ausência de condições mínimas no Brasil para o exercício legal da oposição política.

Também entre importantes círculos das classes dominantes repetem-se os pronunciamentos, expressando divergências e preocupações sôbre os rumos seguidos por Garrastazú Médici. O deputado Pedroso Horta, lider do MDB, comparou o regime atual com o existente na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussoline, dizendo que o povo brasileiro não goza de qualquer liberdade e vive "à mercê do arbítrio de um homem só". Ao despedir-se do Exército, o general Moniz de Aragão, em forma de conselho aos seus iguais e em face da direção que tomam os acontecimentos políticos, advertiu sôbre o perigo de as Forças Armadas tornarem-se "milícia, guarda pretoriana ou tropa de assalto SS" e seus oficiais serem levados "à humilhante condição de beleguins ou inquisidores e, mesmo, de sequazes ou esbirros de camarilhas sem fé e sem patriotismo". Discursando na Semana do Advogado, o ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal, Adauto Lúcio Cardoso, reivindicou a instauração do Estado de Direito e acentuou que os advogados brasileiros encarnam "o que resta de um Poder Civil humilhado e dizimado". Já o deputado Pereira Lopes, presidente da Câmara Federal, disse continuar convencido de que o regime atual se encaminha para a democracia. Mas se a vida o convencer do contrário, afirmou, não hesitaria um minuto na opção a fazer: "abandonaria suas funções e trocaria Brasília pela selva", indo "para as barrancas do Araguaia". Comentando esta declaração, o jornalista Carlos Chagas, ex-assessor de Imprensa do governo Costa e Silva, escreveu que "a continuarem as coisas como estão, a alternativa do presidente da Câmara será mesmo o rio longínquo".

Todas essas opiniões, emitidas de maneira incisiva ou apenas insinuada, refletem um estado de espírito cada vez mais contrário ao regime de exceção que já dura oito anos. Quanto mais se aproxima o momento da sucessão de Médici, tanto maior será a tendência a manifestações abertamente oposicionistas. E na medida em que se agravem as condições de vida do povo mais enérgica será a luta das massas contra a ditadura.

Vai-se impondo assim a necessidade de unificar a resistência das forças democráticas e de incorporar amplos setores de oposição à luta pela liberdade e em defesa dos interêsses nacionais. Os generais fascistas ainda conseguem manter-se no Poder e espezinhar os sentimentos e reclamos da nação porque é débil o entendimento e fraca a organização dos que a eles se opõem. Forjando a unidade democrática e patriótica e empregando as mais variadas formas de luta, não há dúvida, a ditadura militar terá seus dias contados.

Panorama Internacional

DERROTA DO SOCIAL-IMPERIALISMO

A expulsão dos técnicos e conselheiros soviéticos do Egito tem um alto significado. Vem mostrar de maneira chocante o verdadeiro caráter da política da URSS em relação aos povos que lutam por sua liberdade e independência. Brezhnev e Kossiguin não se cansam de repetir que nas relações internacionais aplicam os princípios da não-intervenção e do respeito à soberania das nações. Trombeteiam que o govêrno do Crêmlin ajuda desiteressadamente a libertação dos povos do jugo imperialista.

Bem outra, porém, é sua política. A decisão do presidente Sadat pôs a nú, uma vez mais, os fins que os revisionistas soviéticos perseguem em suas relações com os países mais fracos. Pretextando apoio à luta dos árabes, a camarilha que atualmente governa a URSS tratava de colocar sob seu contrôle as fôrças armadas egípcias e de se transformar em árbitro de decisões que competem soberanamente ao governo do Egito. Os fatos tornados públicos por Sadat vieram revelar que o fornecimento de armas ao seu país dependia da aceitação das diretrizes tramadas pela União Soviética no que tange à questão com Israel. E para assegurar o fiel cumprimento de sua orientação e impedir quaiquer iniciativas no terreno militar por parte do Egito, os manda-chuvas do Crêmlin mantinham elevado número de soldados e especialistas russos nos territórios árabes.

É difícil arranjar outra designação que não seja a de imperialista para semelhante política. Brezhnev e Kossiguin esforçam-se para colocar o Oriente Médio na área de influência soviética. Os empréstimos financeiros e as "ajudas" militares são instrumentos desta política imperialista. Não servem à luta de emancipação e ao progresso efetivo dos países dessa região, conduzem à dependência sempre maior no terreno político, econômico e militar dos neocolonialistas de Moscou.

O chefete do revisionismo soviético já considerava o Egito e outros países árabes como vassalos da Rússia. Tratava arrogantemente seus representantes e pretendia decidir, em conluio com os Estados Unidos, a sorte dos territórios indevidamente ocupados por Israel. É sintomático que o rompimento de Anwar Sadat com a URSS se tenha verificado após o encontro Nixon-Brezhnev em Moscou. Os dois expoentes das superpotências tomaram junto resoluções que afetam os interêsses dos países árabes, entre as quais a manutenção da fraudulenta política de nem paz nem guerra que serve tanto à URSS como aos Estados Unidos para submeter os povos do Oriente Médio aos seus desígnios imperialistas.

O governo egípcio compreendeu ainda a tempo o objetivo real da "ajuda" soviética. Deu um passo adiante, expulsando os técnicos e conselheiros estrangeiros. Assim agindo, abriu caminho para a afirmar sua soberania em questões que só ao povo do Egito dizem respeito.

Este episódio demonstra claramente que a luta de libertação nacional é inseparável do desmascaramento constante da política imperialista das duas superpotências cujo fim é impor sua hegemonia mundial. Em toda parte, ameaçam a liberdade e a independência dos povos, recorrem a pressões econômicas e políticas, fazem chantagem de toda espécie e realizam bárbaras agressões militares. Estados Unidos e União Soviética são inimigos, e não amigos, dos povos de todo o mundo. É contra eles fundamentalmente que se deve voltar o gume da luta emancipadora.

A experiência agora vivida pelos povos árabes seguramente os ajudará a compreender melhor quem está a favor ou contra a causa que defendem e ter noção mais profunda que deles, essencialmente deles, depende a conquista de sua verdadeira libertação.

A VERDADE SEMPRE APARECE

A revista "Veja", levada certamente pela preocupação de se mostrar independente e motivada pelo interêsse de estampar um "furo" jornalístico, publicou um resumo de documentos confidenciais do governo norte-americano, envolvendo as relações com o Brasil em 1947 e 1948, quando era presidente o general Eurico Gaspar Dutra. Esses documentos foram postos em circulação nos EEUU, de acordo com a lei que determina a publicidade, vinte e cinco anos depois, de uma parte dos documentos considerados sigilosos. Pelo que foi publicado pode-se ter uma idéia do resto; e pode-se avaliar a profundidade da intervenção norte-americana nos assuntos internos brasileiros, sempre em defesa dos interêsses dos monopólios privados da América do Norte.

O assunto principal dos documentos é o petróleo. O Departamento de Estadp estava ciente antecipadamente de que havia um projeto, regulando a exploração do petróleo brasileiro, em elaboração. Pelos documentos, fica-se sabendo que o Departamento de Estado, que corresponde a um Ministério do Exterior, tem uma Divisão de Petróleo, um órgão destinado a cuidar dos problemas de petróleo não nos Estados Unidos mas nos outros países! Jonh Leftus, na época chefe desta Divisão, passou a se comunicar assiduamente com o seu adido na Embaixada americana no Rio, ou seja, um funcionário encarregado dos assuntos relativos ao petróleo brasileiro!

O tema dessas comunicações sigilosas consistia na maneira de influenciar a legislação petrolífera em elaboração no Brasil, por meio da "orientação informal" (o informal aí significa não-oficial, secreta) dos que estavam encarregados dessa elaboração. Loftus recomenda que se evite manifestações públicas sôbre o assunto, para não provocar "reações nacionalistas". Sugere ao seu preposto que continue a "utilisar todas as suas valiosas ligações com aqueles de alguma forma responsáveis pela elaboração dessa legislação".

Pouco depois, o Chefe da Divisão de Assuntos Brasileiros do Departamento de Estado faz indicações no mesmo sentido ao embaixador americano, William Pawley. Diz que a melhor forma de encaminhar o assunto é recomendar que o governo brasileiro utilise uma firma ou técnicos experientes em assuntos petrolíferos para assessorá-lo. Lembra os nomes de Duke Curtice e Herbert Hoover Jr., que haviam sido "da maior valia na obtenção da legislação satisfatória" na Venezuela. Dessa forma, "a embaixada pode exercer sua influência discretamente e ainda deixar o caminho aberto para que o Departamento, e ela própria, adotem uma posição formal (isto é, oficial - NR) caso o projeto se revele ruim.

Quais eram as "valiosas ligações" da embaixada americana no governo brasileiro? Num telegrama de Pawley ao Secretário de Estado George Marshall é feito o relato: "(...)No almoço, na residência da embaixada, o dr. Daniel de Carvalho, ministro da Agricultura, disse-me confidencialmente que um projeto sôbre petróleo estavapronto (...) Não dei improtância a esta informação (...) No entanto, ontem, o ministro das Relações Exteriores (Raul Fernandes)... informou-me desse projeto sobre petróleo (...)".

Embora o anteprojeto confidenciado por Daniel de Carvalho e Raul Fernandes desse oportunidade de atuação às emprêsas ianques, o embaixador disse a este último que o considerava insatisfatório, que "provavelmente não seria aceito pelo capital estrangeiro (leia-se Standard Oil, grupo Rockefeller - NR) e que pareceria mais lógico que o Brasil estudasse os projetos petrolíferos existentes em outros países, como a Colombia e a Venezuela, e oferecesse algo melhor (...)".

Estimulados por tanta subserviência do governo, os gringos ficaram exigentes: queriam algo mais do que já fora obtido na Venezuela, o que quer dizer muita coisa!

Os nomes de brasileiros continuam a aparecer. Um outro funcionário americano, Eroks, informa: "Tenho a honra de relatar que o dr Odilon Braga, presidente da Comissão (encarregada de elaborar o tristemente famoso Estatuto do Petróleo - NR), enviou duas cópias de um completo anteprojeto de lei ao dr. Daniel de Carvalho, presidente da Comissão de Planejamento Industrial, para considerações e recomendações. No mesmo dia, o dr. Carvalho entregou uma das cópias aos srs. Hoover e Curtice, para seu uso, como assesores de sua comissão".

O esquema estava funcionando com rapidez. Tinha dado resultado a indicação dos nomes dos "peritos" Hoover e Curtice. Exclarece ainda o documento: "O conteúdo do anteprojeto não foi tornado público".

(Continua na página seguinte)

A Verdade Sempre Aparece (continuação)

O quadro é estarrecedor. Ministros brasileiros, transformados em frequentadores da copa e da cozinha da embaixada americana, fazem revelações confidenciais ao embaixador de um governo sabidamente identificado com os interêsses dos monopólios pretrolíferos. Antes de que os brasileiros tomassem conhecimento do anteprojeto de uma lei brasileira a respeito de uma riqueza vital para o país, uma cópia era rápida, solícita e secretamente entregue a funcionários americanos. E se alguém ler os jornais "sadios" da época, verá esses nomes citados a todo momento como de ilustres brasileiros, varões austeros, fervorosos patriótas e baluartes da luta contra o "comunismo alienígena"... Não passavam de desprezíveis moleques de recado da embaixada americana!

Segundo outro documento, para que a embaixada obtivesse uma "legislação satisfatória", seria preciso convencer alguns generais considerados nacionalistas. Cita Góes Monteiro e Salvador Cesar Obino, falando ainda de mais "uns cinco ou seis outros". O nacionalismo do primeiro é discutível. O segundo parece que possuia realmente alguns méritos nesse sentido; foi, aliás, o único general brasileiro que publicamente manifestou reservas quanto ao envolvimento do Brasil na "guerra fria" a reboque dos Estados Unidos. É verdade que depois silenciou. O número dos restantes, cujos nomes não são citados, é significativamente reduzido: uns cinco ou seis! Para esse trabalho de doutrinação de militares brasileiros, um outro documento sugere o já citado George Marshall, pelo fato de ser também general. Isto permite perceber o quanto são úteis para os monopólios os militares americanos que "assesoram" os seus colegas brasileiros.

O fato é que das manobras da embaixada e da "doutrinação" (parece que o general George Marshall não chegou a ser diretamente utilisado, provavelmente porque não foi preciso), surgiu o Estatuto entreguista.

Nessa altura, a revista "Veja", como não poderia deixar de ser, faz uma interpretação capciosa. Apresenta o Estatuto do Petróleo, que motivou, em 1948, a grande campanha popular pelo monopólio estatal, como sendo a legislação "insatisfatória" de que falam os documentos americanos. Quem garante que o Estatuto, na forma em que foi finalmente proposto, não expressava as exigências norte-americanas? Pelo que se pode perceber, as manifestações de "insatisfação" são anteriores à apresentação no Congresso do anteprojeto do Estatuto do Petróleo. Este, na verdade, abria as portas de par em par para os monopólios ianques, como estão lembrados os que participaram da campanha de "O Petróleo é Nosso". E se os americanos ainda estavam "insatisfeitos" e queriam mais, isto só demonstra o quanto se consideravam senhores do Brasil durante o governo do presidente "general" Dutra.

Sabe-se como esse pedaço da história terminou. Os gringos, apesar de toda sua arrogância, ficaram frustrados. O Estatuto entreguista e os fiéis servidores da embaixada dos Estados Unidos que o defendiam, foram derrotados. Os comunistas e muitos outros patriótas levaram para as ruas a denuncia do Estatuto, revelando sua verdadeira fonte inspiradora. Os documentos agora publicados comprovam que estavam com a razão. A campanha pelo monopólio estatal do petróleo foi um exemplo de movimento unitário e de massas contra o imperialismo americano. Enfrentou a violência da política de Dutra e muitos patriótas morreram em comícios dissolvidos a bala. Mas ficaram com a sua honra; e os entreguistas com a sua vergonha, agora definitivamente registrada para a história.

"...Foi o Partido que, em primeiro lugar, denunciou a dominação imperialista e revelou em diferentes períodos o processo de espoliação crescente do povo brasileiro pelos monopólios internacionais. Através de longos anos de luta ele forjou uma consciência nacional antiimperialista. As campanhas em defesa do petróleo e, em geral, das riquezas nacionais foram iniciadas e conduzidas pelo partido".

Do Documento CINQUENTA ANOS DE LUTAS

O CARDEAL E AS TORTURAS

O Cardeal Agnello Rossi veio de Roma, em férias, e deu uma entrevista. Entre outras coisas, disse que "as torturas são, geralmente, o primeiro assunto quando se fala do Brasil na Europa". O Cardeal lamentou o fato e o atribuiu a falsas notícias espalhadas por brasileiros banidos do país. E adianta: "Mas o fato deles estarem inteiros, sem mãos ou pés decepados, ou feridos, é a melhor prova de que aqui não existem torturas". O Cardeal, assim, alinhou-se entre os que defendem a ditadura militar, endossando a propaganda governamental que nega o emprego sistemático, nos cárceres da repressão de suplícios como o "pau-de-arara", os choques elétricos, a "cadeira de Drácula" e outros.

Acontece que nestas últimas semanas os jornais publicaram algumas notícias relacionadas com esse assunto. O advodago Paulo de Tarso Celestino da Silva, com 28 anos, voltou da França, onde terminara um curso na Sorbone, em 23 ou 24 de julho do ano passado e foi imediatamente preso e conduzido para o tristemente famoso quartel da Polícia do Exército da rua Barão de Mesquita, no Rio de Janeiro. Nunca mais foi visto, o Exército não deu nenhuma explicação a respeito do que ocorrera. Agora, a própria Ordem dos Advogados de Brasília, por decisão unânime de seu Conselho, impetrou um novo habeas corpus, desta vez contra a Polícia Federal, para quem finalmente as autoridades militares resolveram empurrar a responsabilidade alegando, que o jóvem advogado fora entregue a esse outro órgão de repressão. Com base na penosa experiência de outros casos semelhantes, justifica-se supor o pior: Paulo de Tarso foi morto na prisão devido à torturas. Se o preso estivesse em algum lugar, vivo, ou mesmo se sua morte fosse outra coisa que não um bárbaro assasinato, não haveria razão para tão longo silêncio e para tantas evasivas.

Outra notícia é a respeito da recente morte do jóvem Valmir de Jesus Carvalho Meira, internado por "agentes de segurança" no Hospital da Ordem Terceira, na Tijuca, GB, em consequencia de hemorragia interna provocada pela ruptura de diversos órgãos. A tradução disso é a seguinte: o jovem, um presos político, foi espancado com tal sanha que chegou a sofrer lesões internas mortais. Os médicos do hospital recusaram-se, conforme anunciaram os jornais, a dar atestado de óbito por não terem ficado exclarecidas as causas das lesões. Em outras palavras: recusaram-se a pactuar com o crime.

Os jornais divulgaram também a morte do jornalista catarinense Rui Aguiar, preso no DEOPS de São Paulo. Esse é outro órgão de odiosa fama, onde dita ordem o criminoso comum e delegado de polícia Sergio Fleuri, chefe do "Esquadrão da Morte", por cujos crimes é reu em diversos processos na justiça civil e que permanece impune e em liberdade devido à escandalosa propeção dos militares! O DEOPS negou durante um mês, ao pai do jornalista, que este estivesse preso. No entanto, já estava morto, conforme o pai constatou no Instituto Médico Legal de São Paulo, onde o cadáver dera entrada no mesmo dia da prisão, sendo imediatamente enterrado em segredo.

Soube-se ainda que o exército assasinou em Belém do Pará um chefe de família, morador a 20 anos na região do Araguaia-Tocantins, sob o pretexto de que estivera ligado a um chefe guerrilheiro daquela zona. O cadáver foi levado para Marabá, com a versão de que o preso se enforcara e a permissão à família de apenas ver o seu rosto, antes do sepultamento.

Finalmente, o comandante do 10ºBC de Goiânia, coronel Eni de Oliveira Castro, distribuiu um comunicado à imprensa dizendo que Ismael Sil de Jesus "preso à disposição da justiça militar e respondendo à inquérito no Comendo Militar do Planalto por atividades subversivas" havia se suicidado no dia 9 de agosto, naquela unidade do Exército. Esta foi a forma encontrada para esconder o fato de que Ismael morreu sob tortura.

Tais notícias correspondem às últimas semanas. E constituem uma pequena parte da verdade, a que transpira, mesmo sob a explicação de suicídio, recurso sempre em voga dos carrascos para justificar os assasinatos. E não se trata de pessoas que tenham perdido os pés ou as mãos, segundo a inacreditável interpretação do ex-cardeal de São Paulo. A Igreja Católica conhece tudo isso e muito mais. É uma das organizações mais bem informadas a respeito desse assunto no Brasil. Alguns de seus padres tem sofrido torturas na própria carne. Bispos como D. Evaristo Arns, de S. Paulo, D. Helder Câmara, de Recife e Olinda e D. Fragoso de Crateús, estão denunciando continuamente tais aberrações. Ainda há pouco o cardeal da Holanda, em telegrama a Garrastazu Médici condenou o tratamento desumano dado aos presos políticos brasileiros.

(Continua na página 8)

ARMA-SE A DITADURA

A ditadura militar intensifica a compra e a produção em larga escala de armamentos, munições e equipamentos bélicos. Bilhões de cruzeiros são dispendidos com o reaparelhamento das Forças Armadas. Tais gastos objetivam não só preparar melhor estas forças para enfrentar a oposição popular que cresce no Brasil como tambén torná-las aptas a cumprir a missão ditada por Washington de gendarmes de outros povos do Continente.

Além dos Estados Unidos, principal fornecedor de material bélico ao Brasil, a França, a Alemanha e a Inglaterra vêm realizando grande venda de armas aos generais brasileiros. O governo Pompidou concedeu financiamento de 59 milhões de dólares para a compra à firma Thompsom CSF-Hidroservice de aparelhagem de radar destinada à operação dos 16 caças-bombardeiros Mirage III adquiridos à Dessault pela fabulosa quantia de 70 milhões de dólares. Cinquenta milhões de dólares foram pagos à Macchi italiana pela concessão de patentes para fabricação no Brasil dos aviões Bandeirante e Xavante.

O Exército adquiriu canhões auto-propulsados M-10, novos tanques M-113 e carros de combate M-41-A-3. Uma delegação militar foi à Europa para comprar foguetes terra-ar Millan e foguetes antitanques Roland. Grandes encomendas de carros anfíbios e de caminhões de transportes foram feitas a indústrias no Brasil totalmente controlada por firmas estrangeiras.

A pretexto de defesa das 200 milhas de mar territorial, a Marinha compra vasos de guerra na Alemanha, Inglaterra e Holanda. A flotilha de submarinos, segundo está previsto, triplicará até 1975 seus efetivos e será totalmente modernizada. O governo adquiriu três submarinos classe "Oberon" na Inglaterra e três "Grampus" nos EEUU. Foguetes mar-mar e mar-ar, adquiridos na Inglaterra, estão sendo instalados em navios da Armada. Recentemente foram incorporadas à Marinha de Guerra cinco lanchas de patrulhamento fluvial adquiridas no estrangeiro. No dia dois do corrente mês, o governo liberou a verba de 70 milhões de cruzeiros para a compra e fabricação de novas unidades navais.

Assim, o país gasta somas astronômicas com armamentos enquanto campeia a falta de assistência médica, de escolas, de habitação, de ajuda aos sem-trabalho. Esta corrida aos armamentos é própria do regime fascista que se instaurou no Brasil. Por temor ao povo e para ameaçar seus vizinhos, arma-se até os dentes.

O Cardeal e as Torturas (continuação da página 7)

O acumpliciamento de D. Agnelo Rossi com os crimes da ditadura militar é uma torpeza sem limites. Serve, no entanto, para salientar a importância dia a dia maior da campanha de denúncias e de solidariedade que no país e no exterior se faz em favor dos presos políticos e de sua libertação. É dever elementar de dignidade e de consciência democrática condenar os crimes da ditadura fascista brasileira, em qualquer parte do globo ou do território nacional. E quem quer que assim proceda é um patriota ou um amigo sincero do nosso povo. As torturas e os assassinatos de presos políticos não podem ser tolerados passivamente.

"Em sua luta, o povo brasileiro não estará só. Contará com o apoio dos povos revolucionários de todo o mundo, com a solidariedade da classe operária internacional, com a simpatia dos movimentos democráticos e pela paz de varios países. A seu lado estarão a grande China e a valorosa Albania".

Do Documento "Cinquenta Anos de Lutas"

LIGAR O PARTIDO ÀS MASSAS POBRES

Em sua atividade, o Partido tem em conta as diversas classes e camadas sociais, - mas ele é o partido da classe operária, seu instrumento no processo revolucionário. Esta classe está historicamente destinada a ser a força dirigente da revolução. O proletariado brasileiro não só é númeroso como possui gloriosas tradições de luta. Apesar dos duros golpes recebidos após 1964, vem demonstrando de vários modps seu indomável espirito de oposição à ditadura. É tarefa do Partido ajudar os trabalhadores a encontrar as formas e os meios de se lançar mais vigorosamente à luta, a ocupar o papel que lhe cabe de vanguarda de todo o povo.

A fim de que o Partido possa ligar-se à classe operária e às massas mais pobres - das cidades é preciso que seus militantes levantem a luta pelas reivindicações econômicas , mesmo pequenas, mas concretas, das massas. O caminho da revolução é, sem duvida, o da luta - armada. Mas não há contradição entre a luta das massas pelas reivindicações imediatas e sentidas e a guerra popular. Ao contrário: a luta da classe operária por aumento de salários e contra o arrocho salarial, pela liberdade e autonomia sindicais, em favor dos favelados contra as remoções forçadas e por melhores condições de moradia, a ação dos estudantes contra a reforma universitária e as perseguições policiais, as manifestações das massas populares contra a carestia de vida, o protesto dos intelectuais contra o terror cultural e político, enfim, as batalhas parciais contra a ditadura são parte integrante da grande campanha pela derrocada do regime militar que oprime a nação. Aos comunistas compete organizar e dirigir o grande embate revolucionário das massas, cujo centro é a luta armada. Esta, ao se desenvolver no campo, estimula os combates da classe operária e das massas populares nos centros urbanos e, ao mesmo tempo, é fortalecida pelos amplos movimentos de massas nas cidades. Ambas as formas de luta de massas, armadas e não-armadas, martelam o mesmo inimigo, debilitam-no e ciam melhores condições para a sua derrubada. Os comúnistas partem de razões políticas na sua luta. Desenvolvem ampla propaganda revolucionária, tendo em vista conquistar a adesão - das amplas massas à revolução. Este apoio, no entanto, não é automático. As massas emgajar-se-ão na luta armada na medida que pugnarem por suas reivindicações concretas e, nesse combate, se chocarem com a repressão e a prepotência da ditadura. Baseadas em sua própria experiência e esclarecidas pela propaganda revolucionária se integrarão na grande tarefa de derrubar o regime dos militares.

A fim de que o Partido possa ligar-se às massas e estreitar seus vínculos com os trabalhadores, é necessário combater qualquer atitude derrotista e capitulacionista em relação às organizações populares, em particular os sindicatos. É certo que os sindicatos são, hoje, orgãos de colaboração de classe e que, como norma, em suas diretorias pontificam os - pelegos ministerialistas. Mas também é verdade que os operários, com suas ações, podem transformá-los em instrumentos de suas lutas. As organizações sindicais são um patrimonio da classe operária e precisam ser recomquistados. Por isso, deve-se levantar bem alto a bandeira da luta pela libertação dos sindicatos da tutela do governo e dos patrões, ixigir a liberdade e a autonomia sindicais. Atuando nos sindicatos, é necessário não esquecer que o trabalho principal é a atividade direta junto às massas, nas empresas e nos bairros residenciais com vistas a organizar os trabalhadores nos locais de trabalho e de moradia. No curso das próprias lutas reivindicatórias, na preparação das greves e de outras movimentos populares, os comunistas e outros militantes destacados devem ajudar as massas a se organizar em comissões de salários por setores profissionais e por empresa. Os trabalhadores mais avançados e conscientes podem e devem se uni em núcleos "ilegais" para que melhor possam se defender da repressão e orientar com mais segurança as lutas.

Aos comunistas compete a tarefa de ajudar os trabalhadores das cidades em seus combates contra a ditadura. Apesar da repressão policial-militar, há condições, como a prática vem indicando, para se travar lutas de massas nos centros urbanos, desde que se encontrem palavras-de-ordem sentidas e formas de luta e de organização adequadas. É incorreta e sumamente prejudicial a opinião de que sob o terror fascista não se pode desenvolver amplos movimentod populares. Esta é uma atitude que revela subestimação do potencial revolucionário das massas, em primeiro lugar da classe operária, e superestimação das forças da ditadura. Cabe a cada comunista, a cada organização de base do Partido, a par da propaganda das idéias revolucinárias que realizam encontrar meios apropriados para mobilizar, unir e organizar os trabalhadpres na luta por suas reivindicações imediatas e pela derrubada da ditadura militar.

A LUTA ARMADA NA TAILÂNDIA

Os revolucionários tailandeses comemoraram, no último dia 7 de agosto, o sétimo aniversário do surgimento da luta armada em seu país. Nesse periodo, a guerra popular estendeu-se a 40 das 71 províncias da Tailândia e o Exército Popular de Libertação conquistou brilhantes vitórias sobre o governo e seus amos, os imperialistas norte-americano.

As operações militares das forças patrióticas estenden-se no nordeste do país até as fronteiras na Malásia, onde também se realizam ações guerrilheiras, e no leste até os limites do Camboja. No decurso da guerra revolucionária, foram postos fora de combate milhares de soldados do governo, capturado abundante material bélico, destruidos centenas de postos policiais, quartéis e pontes de importância militar. Também foram atingidas as bases fortemente protegidas do inimigo. Graças ao espírito de combate e à correta linha militar e política das forças armadas populares, sob a liderança do Partido Comunista da Tailândia, o povo daquela parte da Asia conseguiu desbaratar todas as tentativas de cerco e aniquilamento levadas a cabo pela ditadura do general Kitkachorn. Vastas regiões já foram libertadas e nelas instalaran-se órgãos do novo poder popular.

O bravo povo tailandês luta de armas nas mãos pela independência nacional e a democracia. E, ao mesmo tempo, presta efetiva solidariedade aos povos indochineses, obrigando o governo de traição nacional a retirar do Camboja, Laos e Vietnã as tropas que ali auxiliavam os agressôres ianques a fim de guarnecer suas posições ameaçadas pelo Exército Popular de Libertação da Tailândia.

Os brilhantes êxitos dos patriotas tailandeses estimulam os brasileiros que também realizam esforços para derrubar a ditadura de Garrastazu Médici e livrar o Brasil da dominação ianque.

REPERCUSSÃO DA RESISTÊNCIA ARMADA NO SUL DO PARÁ

A resistência armada surgida no sul do Pará está alcançando crescente repercussão no exterior. Apezar das medidas draconianas tomadas pela ditadura para impedir qualquer publicação sobre aquele acontecimento, os fatos, pouco a pouco, começam a chegar ao conhecimento da opinião pública mundial.

A agência francesa de notícias LIBERATION divulgou extensa matéria, relatando as lutas que se desenvolvem nas matas às margens do Araguaia.

Os jornais L'Humanité Rouge, de Paris, e Clarté, de Bruxelas, também fizeram comentários àquele respeito , apoiando a luta dos patriotas brasileiros.

Na Albânia, o mais importante órgão de imprensa do país Zeri i Popullit, o rádio e a televisão ocuparam-se amplamente do movimento armado que se desenvolve no sul do Pará, manifestando simpatia e apoio à luta democrática e patriótica do povo brasileiro.

A divulgação que vem sendo feita no estrangeiro ajuda a romper a campanha de silêncio dos generais fascistas em torno da ação bandidesca que desenvolvem contra as populações pobres do Norte e da heróica resistência que o povo da região opõe às Forças Armadas da ditadura.

REVISTA ALBANESA PUBLICA "CINQUENTA ANOS DE LUTAS"

O órgão teórico do Partido do Trabalho da Albânia publicou o documento editado pelo Comitê Central do PC do Brasil, em março passado, sob o título "Cinquenta Anos de Lutas".

Este fato mostra o grande interesse dos comunustas albaneses pela opinião dos partidos irmãos e a atenção especial que dedicam ao conhecimento da luta e da orientação das organizações marxistas-leninistas nos diferentes países.

Os comunistas brasileiros recebem com satisfação esta notícia que tem grande significado internacionalista e fortalece mais ainda a amizade que une o PTA ao PC do Brasil.